



O Gaiato

28 DE JUNHO DE 1969

ANO XXVI — N.º 660 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Foi no arranque para a construção de uma Capela que o Sr. Bispo de Aveiro disse estas palavras preciosas, que são de hoje e de sempre, porque doutrina da Igreja, doutrina vivida na Igreja santa desde a sua origem, apesar da confusão, da fraqueza e da infidelidade de tantos dos Seus membros, ao longo destes dois mil anos.

«Um templo cristão não teria sentido sem a Fé cristã. É a Fé que está no seu princípio: se a gente de Aradas não tivesse fé em Deus e em seu Filho Jesus Cristo, em vez de uma igreja — que a alguns não deixará de parecer emprego de capital pouco rentável — teria construído, por exemplo, um salão de cinema. Espero que seja ainda a Fé cristã, cada vez mais consciente e vivida, que esteja no termo e seja o objectivo imediato desta construção.

Fé consciente e vivida. Isto quer dizer que não nos podemos contentar, ao construir uma igreja ou uma capela, em erigir apenas um simples lugar de culto. O culto, quando é expressão do autêntico amor de Deus, é levado naturalmente a encontrar o seu complemento no amor do próximo.

Do norte ao sul da Diocese populações generosas, guiadas pelos respectivos Párocos, têm vindo a fazer um esforço extraordinário para dotar as paróquias de igrejas condignas, renovadas ou ampliadas umas, outras construídas totalmente de novo. Só tenho que louvar esse esforço. Em terras que não fossem alimentadas de forte selva cristã não seria de esperar tão consolador movimento de renovação.

Não podemos, porém, ficar por aqui. A igreja não tem apenas uma missão de culto mas também uma missão de caridade. Uma paróquia que resolveu ou está resolvendo o problema da construção ou remodelação da «casa de Deus» não pode alhear-se do problema que constitui a construção de casas para os homens.

Seguindo os ensinamentos do Concílio, não desejaria que nas igrejas a construir se sacrificasse a nobre beleza à pura sumptuosidade (cf. Const. sobre a Sagrada Liturgia, n.º -24) e que nelas se gastasse em arrebuques e superfluidades di-

nheiro necessário a outros fins. O mesmo diria de certas festividades religiosas em que as mordomias desperdiçam escandalosamente, em despique de «Quem faz mais?», importâncias que podiam ter destino mais proveitoso. Não censuro as festas; censuro apenas os excessos. Quando é que um pouco de bom senso porá cobro a esbanjamentos tão despropositados?

Têm algumas paróquias ajudado a resolver o problema da habitação das classes mais desprotegidas quer através do «Património dos Pobres», lançado pelo saudoso Padre Américo, quer através de outras modalidades porventura mais adaptadas às realidades presentes.

Não há dúvida alguma de que ter uma habitação condigna é factor de estabilidade social e de saúde moral, sobretudo quando o morador é ao mesmo tempo o dono da casa.

Não passou despercebida aos Padres do Concílio Vaticano II esta realidade. Na Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja e o mundo contemporâneo diz-se o seguinte:

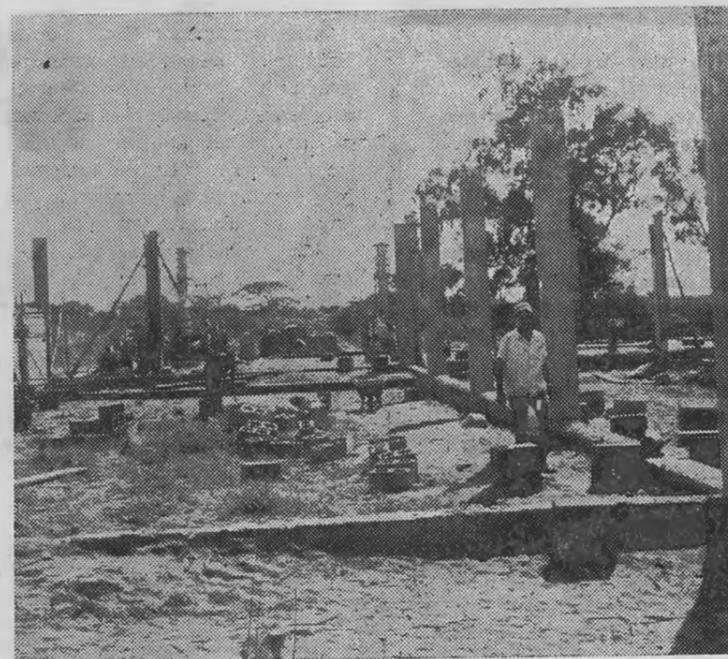
Continua na QUARTA página

Temos saudades do «Tolinhas». Não sendo um Rapaz muito inteligente denotava, contudo, uma delicadeza de a'ma pouco corrente. Por exemplo, na feira de Loures do ano passado não se esqueceu de comprar uma prenda para a Senhora Professora que o examinara. Só soubemos do facto muito depois e nem por isso deixámos de nos sentir felizes. Nosso há 7 anos e pouco, quando começava a dar os primeiros passos na arte que escolhera, foi levado pelo pai, a quem se exigiu perfilhação prévia. Do progenitor nem uma palavra de agradecimento para com a Obra! Contrastes que nos confortam.

Aqui LISBOA

Fomos buscar o mais velho à creche da cadeia de Tires, ainda não tinha 6 anos. Mais tarde aceitámos mais dois irmãos que haviam atingido o limite de idade da sua permanência em certa instituição e não tinham para onde ir. O primeiro arrumou-se aos 19 anos; o segundo fugiu, arrastado por gente sem escrúpulos e por querer levar vida «livre»; o terceiro está ainda

entre nós. A mãe apareceu e à nossa frente teve o desprante de dizer, apalpando o cordão de ouro oferecido pela Casa ao primogénito, que «era pena não ser mais grosso». Pelo telefone haveria de exclamar que, «coitadinho» o filho mais novo, então com 16 anos, «ainda não tinha um relógio». Sem comentários.



Ala esquerda da carpintaria da Casa do Gaiato de Lourenço Marques, vista do topo. E um sorriso, para a objectiva, do Quim carpinteiro.

Continua na QUARTA página

Cantinho dos Rapazes

Eu bem sei que «O Gaiato» não é um jornal para crianças. Por isso me não admiro de que vós, geralmente, só acordeis para ele um bocadinho tarde, quase sempre na altura do serviço militar, quando a separação e a distância deixam ver o que de mais perto se não vira e as saudades apertam. Confesso que antigamente me escandalizava um pouco com este facto, mas reconheço agora que a razão não estava comigo.

No entanto, não deixa de ser um empobrecimento que, desde a idade em que vos julgais um homem e na verdade começais a sê-lo, «O Gaiato» não constitua para vós um instrumento de formação, especificamente da formação do critério e do ideal, sem os quais andaremos na vida «por ver andar os outros». Vou mesmo não sendo capaz de conceber que possa dispensar-se de entre os requisitos dos que ficam na Obra para, por Ela e nEla, ser-

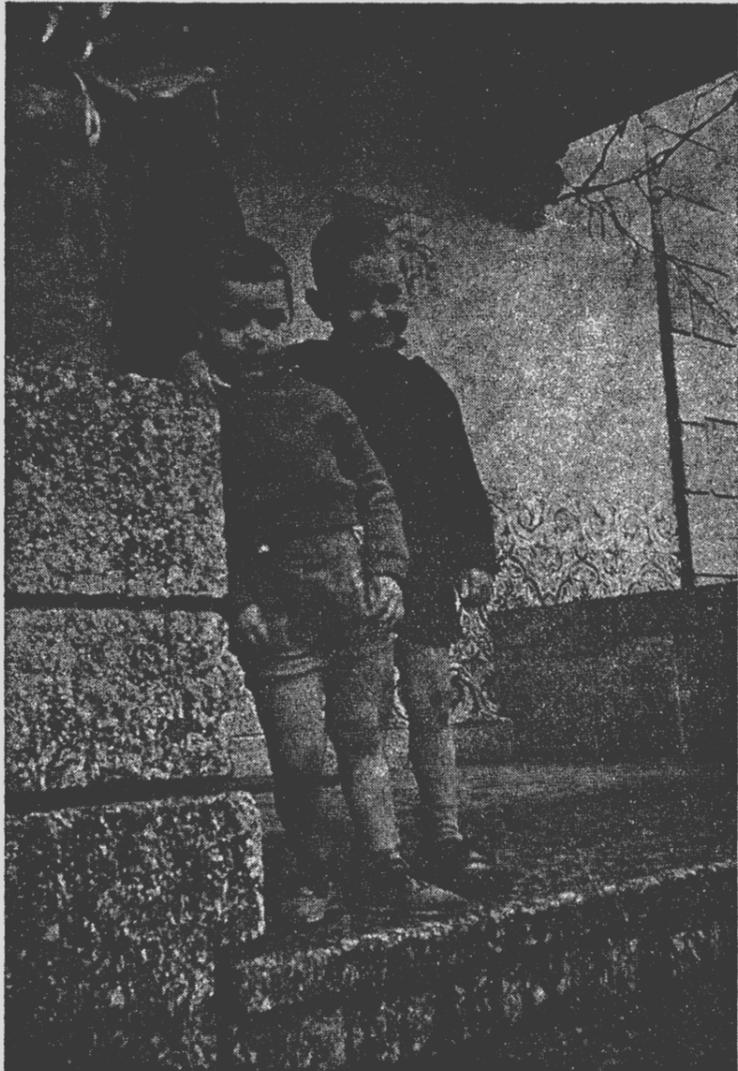
virem os irmãos, este: — Lêis «O Gaiato»? Ele diz-te e faz-te alguma coisa? E, relativamente a estes, «aqueles a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escrevam como quem reza» — conforme nos deixou preceituado Pai Américo, a nós os obreiros mais responsáveis: padres e os seus colaboradores da primeira linha.

Lembrei-me e reabri agora mesmo um exemplar da tese de doutoramento de um grande Amigo, hoje com responsabilidade na «coisa pública», no qual ele após esta dedicatória: «À Obra da Rua, a quem muito devo quer no plano espiritual, quer no da informação sobre situações económicas de facto.» Foi «O Gaiato», o «incendiário», o «desordeiro», o «revolucionário», como vários lhe chamaram com tanto aprazimento do Pai Américo; foi ele o portador da mensagem do Espírito e da informação ansiosa de Verdade, que nos tornou credores desta amizade tão pre-

ciosa! Se a ele — porque não a vós, a cada um de vós, segundo a sua capacidade de entender e de amar?!

Tudo isto vem a propósito de duas cartas de dois jovens soldados, um na Metrópole, outro em Moçambique, tão interessados, tão precisados de «O Gaiato» e dos livros de Pai Américo que: um, ao pedir o jornal, «o qual me tem impressionado pela Obra dos Rapazes», declara o seu «imenso gosto de ser mais um dos que contribui para essa Obra» e «espero lê-lo sempre com toda a dedicação»; o outro, já assinante, vem «por este meio agradecer a atenção que me tem sido prestada em me enviarem o tão querido jornal, (...) o qual me tem trazido sempre boa disposição e muita coragem» e «queria que nunca se esquecessem deste que aqui anda a lutar pela defesa da Pátria

Continua na QUARTA página



«Jójó» e «Passarinho» são dois amores gerados sem amor, que viveram sem amor.

Agora são dois dos nossos primeiros amores.

Um dos mais velhos dizia-me há dias, com o «Jójó» nos joelhos, enquanto o acariciava e beijava: — «Parece impossível haver quem fosse capaz de abandonar um amor destes!»

E depois de muito o acariciar, rematou: — «Agora tem mais mimos que eu tive em pequenino».

Duas frases que encerram um conteúdo de profunda reflexão para os homens e resumem a realidade de duas situações opostas.

A primeira denuncia com todo o realismo a violência feita aos direitos da Criança.

A segunda — embora um desabafo sem ressentimento — mostra bem quanto a Justiça devida à Criança foi sublimada, não por aplicação de nenhuma lei, mas pela eficácia do amor bebido do Amor.



VISTAS DE DENTRO

Um dos momentos mais saborosos do nosso dia-a-dia aquele em que, ao crepúsculo, se reúne toda a Família no largo da Capela.

Os grandes sentados nas escadarias das Escolas e os pequenos nas da Capela.

A um sinal do Maioral tudo fica silencioso.

É momento de Oração. Momento de diálogo íntimo entre nós os da terra e o Céu.

Diálogo feito através d'Aquela que na sua Fé e Humildade consentiu que em si se gerasse Jesus, o Filho de Deus. Assim, Ela se tornou aquilo que é: Mãe de Deus e o ponto de encontro entre o Céu e a Terra.

Encontro que se fez e faz unicamente por Jesus, mas no qual Maria Mãe de Deus se tornou também nossa Mãe porque associada à nossa descendência e cooperadora na nossa salvação.

Mãe «singular, toda Santa, imune de pecado e cheia de graça» a quem os filhos, nestes momentos diários se acolhem à Sua protecção que no Céu «com a sua múltipla intercessão continua a atrair-nos os dons da salvação eterna».

São momentos de paz, alegria e felicidade em que nós, pobres criaturas, rejubilando com toda a natureza, nos sentimos, do nada que somos, elevados à participação na vida divina para que fomos criados e para garantia da qual Deus incarnou.

x x x

Eu andava desconfiado por

causa do cuidado posto no fazer da minha cama.

Andava desconfiado porque não havia obrigação de alguém para a fazer.

Se andava desconfiado não deixava, porém, de andar contente: Fazer a cama é coisa que me aborrece solenemente.

Não sabia, nem hoje sei quem era o meu benemérito e por não estar habituado a mimos destes calculei que ali havia «gato».

Ora na gaveta da mesa do meu quarto havia um pacote de rebuçados com que, vez por outra, mimoseio os «batatinhas». Pareceu-me que eles iam

desaparecendo progressivamente.

A cautela mudei-os para lugar mais seguro.

Aconteceu que a cama deixou de aparecer feita. Logo... havia «gato».

Agora só tenho duas soluções: Ou continuar eu a fazer a cama, ou voltar a pôr lá os rebuçados e fazer que não dou por nada.

Não sei mesmo por qual optar, mas pareceu-me que vou ter de aguentar eu, pois rebuçados não aparecem todos os dias cá por casa.

Como é débil a nossa carne!
Padre Abraão

LOURENÇO MARQUES

Os nossos olhos estão sempre postos no Senhor que nos dá no tempo oportuno o socorro para toda a necessidade. Uma vai, outra vem e continuamos confiantes pois Ele vela por nós. Foi assim ao longo destes quatro meses de que vimos dar contas.

Há presenças certas da Fasol, Fábrica da Matola, Saboeiras, Entrepasto, Incomati, Sena Sugar, Santos Gil e outras cotas que os nossos rapazes vão receber a empresas e particula-

res, ou ainda a D. Alda P. da Cruz que reparte seu tempo e saúde com os militares do Depósito Sanitário.

Há presenças directas e quase em dia marcado como Cruz da Beira e Pessoal da Permar. Com frequência temos ido por pedra ao Vergueiro para as oficinas. Já trouxemos cerca de duzentos m3 para cimento armado e fundações, tendo sobrado alguma para as Escolas, que, se se pode ter fé nos homens, teremos começado quando esta lerem. De outra Pedreira, Camilo Pires, pedra no valor de dez mil escudos, antes da partida para umas férias.

Do Grémio da Indústria da Panificação 78 mais 56 pães. Uma presença também de todos os meses com 30\$00 de alguém que não quer agradecimentos. Roupas e calçado muitas vezes que são o luxo dos nossos. No Bazar, uma senhora passa com 50 na mão e põe na minha. Duzentos para as multas da Polícia a que não podemos esquivar-nos. Mais um saco de roupa e cem escudos. Há dela que vem tão limpa e bem dobrada que denota muita delicadeza interior.

De quem nos trouxe 2 rapazes 300\$ de vez em quando. Senhora da Beira com 1.200\$ para o Património dos Pobres por intermédio de um sobrinho. Aumento de ordenado de um empregado do BNU. Mais cem de uma promessa de Ana M. Fernandes. Muitas mais coisas da rua da Guarda. De uma festa entre amigos a que os nossos também foram, 3.255\$50 fora o resto. Cem na Facim metidos na mão como doutras vezes. Da senhora que nos conserta a roupa 2 vezes 100\$00. De sua casa um frigorífico, um fogão

Padre Horácio

Continua na QUARTA página

A fome e aflições de nossos Irmãos Pobres fazem e devem fazer parte da nossa vida. Ai de nós se perdemos a sensibilidade pela vida dos outros! Não valem discursos, não valem banquetes, não valem recepções, não vale fama. Nada vale, se há vazão de alma e de amor.

Ontem o telefone chamou duas vezes. Era a mesma pessoa. «Quería falar-lhe de duas aflições muito grandes. A primeira é a situação duma família, cujo chefe foi gaiato e faleceu há pouco, mirrado dos pulmões. São muitos filhos e a mãe meteu-se por maus caminhos e agora está também tocada e com hemoptises. É necessário retirar já dois meninos de 8 e 5 anos. É a avó e o tio que vieram muito aflitos».

Disse que os receberíamos, mas que nos sejam entregues pelo Tribunal de Menores, já

TRIBUNA de Coimbra

que a lei pouco nos ajuda no dia de amanhã, quando eles forem válidos e aparecerem os parentes interesseiros e exploradores.

«A segunda aflição é a família de F. que o senhor conhece. Ele está já há muito tempo no Hospital e deve ter sido hoje operado e talvez lhe tenham cortado as pernas. O filho mais velho, que estava para casar, teve uma bronco-pneumonia e ficou num estado de fraqueza tal que se não pode

ver. O outro rapaz que ganhava

alguma coisa é muito doente do coração e tem gastos rios de dinheiro. Ainda esta noite, à meia-noite, o tiveram de levar ao Hospital. Ela é uma mulher de armas e com as mãos d'oiro, mas já não tem a que deitar a mão. Tem tudo empenhadinho. Já há dois dias que não entra naquela casa um pedacinho de pão, pois a padeira diz que já não pode fiar mais e tem razão. É uma casa de gente, tudo uma grande miséria».

Combinámos logo que a padeira continuasse a deixar pão e comprometemo-nos a pagar a dívida atrasada, que é grande.

Na mesma altura o correio trouxe este recado: «Porque não vem para conversarmos um bocadinho? Tinha tanto que lhe dizer e tanto para lhe pe-



Se Pai Américo humanamente fôsse entre nós, decerto estava contente com as reacções ao «Porta Aberta», coligido de seus textos pela D. Maria Palmira Duarte. Um trabalho demorado, insano — devotado. Melhor ainda, porém, agora no Céu, dá graças ao Todo Poderoso pelas maravilhas que Ele opera — instrumento que foi da Rota traçada por Seu Filho.

Faz bem recordar! Estamos revivendo com o «Porta Aberta» — em toda a pujança — o êxito obtido pelos três volumes «Isto é a Casa do Gaiato», cujo trabalho de selecção coube ao Primo da Boavista, assim tratava Pai Américo o Doutor Correia da Silva. Essas obras talvez sejam (ainda que reeditadas) os próximos livros do dia, mal entre em funcionamento a nova «PRASIDENT», cuja montagem está no fim.

Para que todo o mundo to-

masse conhecimento do interesse e valor do «Porta Aberta» resolvemos — como é da praxe em autores de nomeada ou ainda de calção — despachar para a Imprensa os exemplares do estilo como «oferta para apreciação literária». Pai Américo, se estivesse a meu lado, muito havia de gozar com a iniciativa! Ora, como balanço de resultados, surtiu na generalidade só um efeito — conhecimento discreto, superficial e sucinto do volume, para o grande público. Mais nada. Faltou quem tivesse coragem para «apreciação literária», até mesmo para estudo do verdadeiro cerne do livro — a sua doutrina prática, actual, diria mesmo imprescindível! Pergunto: está a intelectualidade divorciada do valor perene e incomensurável da mensagem de Pai Américo (imbuída da Boa Nova), inclusivé avessa ao estudo do seu próprio estilo literário?! Pois

As nossas edições

O «Porta Aberta» em foco

se ele gostava de «escrever de maneira que o Zé da Lenha entenda»... Será...?!

No entanto — e já que a nossa tentativa falhou — continuemos a respigar dos nossos leitores, depoimentos válidos, alguns a queimar de fogo. Atenção ao primeiro:

«Um «bem hajam» apenas pelo Porta Aberta. Por mais que rebusque, não encontro na nossa língua um adjectivo que o qualifique justamente. Contentar-me-ei, pois, com o maravilhoso.

Para quê, repetir o que outros já disseram?, se eu não sei dizer mais nem melhor...

Comecei por respigar, depois li sôfregamente, e depois lentamente, para saborear aquele banquete espiritual. Como eu me sentiria feliz, se à frente de todas as casas onde há rapazes, em vez de um senhor Director houvesse um Padre da Rua! Quem sabe se este maravilhoso livro não irá, num futuro mais ou menos distante, contribuir para uma reforma total dos processos, tão bárbaros e primitivos, de educar as crianças e adolescentes internados em asilos e reformatórios?»

E ao segundo:

«Se todos os homens responsáveis tivessem junto de si,

para meditação, este maravilhoso livro, como o Mundo seria melhor: nem injustiças a causarem revoltas; nem egoísmos a causarem rancor; nem indiferenças a causarem tristeza.

É que é tão vivo, tão palpitante de humanismo, a essência divina que brota dos exemplos comovedores que Padre Américo nos legou, através da sua prosa simples, mas inigualável, que não conseguimos ficar de olhos enxutos sempre que sobre ela nos debruçamos; nem, tão pouco, ficar de coração adormecido perante os factos realistas que são o pão nosso de cada dia num mundo que caminha a passos agigantados para um egoísmo colectivo.

Não deveríamos nunca deixar que a mensagem de fraternidade pura que nos legou P.e Américo, ficasse à superfície da nossa sensibilidade de católicos rotineiros. Deveríamos, pelo contrário, prometer a nós próprios envidar todos os nossos esforços no sentido de tornarmos com a nossa quota-parte de cooperação, a sociedade melhor. Mas qual! Procurando cada um um «lugar ao sol» apenas para si, indiferentando-nos com aquilo que em nosso redor se desenrola, jamais o Mundo poderá melhorar. E quantos de nós a proclamarmos alto o nosso catolicismo, quando, afinal, não passamos de simples pavios apagados!...

Poderá parecer dura esta verdade, mas é assim mesmo. O Evangelho já não serve de meditação, mas apenas de distracção. O Padre Américo sabia que assim era; por isso transfigurou o espólio literário dos Apóstolos em exemplos de tal modo vivos que nos deixa amarfanhados pela comoção. Poderemos ficar indiferentes às parábolas, mas já o mesmo não sucede quando ficamos a par do drama pungente das crianças que procuram nos caixotes do lixo o seu alimento, quando tantos animais são tratados principescamente!...

Não queremos fechar sem uma lembrança — além do «Porta Aberta», cujos pedidos surgem diariamente, ainda temos em estante, mais as seguintes obras: «Pão dos Pobres» II e III volumes, «Ovo de Colombo» e «Obra da Rua». Quem desejar os referidos livros tenha a bondade de os requisitar à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura

Fernando Dias

MALANJE

Já não é sem tempo darmos um relatório do que fizemos até agora e queremos fazer. Primeiro: para que quem nos ajuda, veja que realmente temos feito alguma coisa; e em segundo lugar para que toda a gente repare no que ainda temos que fazer. Para os incrédulos é mais uma prova da eficácia das Obras que são de Deus. E os crentes e cristãos agradecerão, juntamente conosco, a bondade que Ele continua a ter para com a Humanidade, nomeadamente com os mais pequenos e desamparados.

Como sabem os que nos têm acompanhado nestes cinco anos de labuta por esta nossa bela Província Ultramarina, começámos e tivemos sempre perseverança e confiança na bondade do Senhor e, também, confiança na caridade dos homens. É certo que do Estado recebemos uma quantia que ajuda muito. Mas donde vem o restante que nos permite gastar pelo menos mais o dobro do que vem das entidades oficiais? É, como vedes, baseados em algo mais do que é da Terra!

É nesta confiança ilimitada, embora às vezes com encruzilhadas difíceis de transpor, que a nossa Casa-Mãe com o refeitório para 140 rapazes; cozinha e suas dependências; rouparia; camaratas para os mais pequeninos e anexadamente as dependências das senhoras que queiram servir de mães destes; escritórios e mais dependências indispensáveis à nossa organização muito bem desorganizada — tudo está em funcionamento já há bastante tempo. Os chamados Anexos: garagem, lavandaria, padaria e um pequeno armazém, estão também de pé, em vias de começarem na sua verdadeira actividade. E agora temos a Capela mesmo ao centro da Aldeia, pertinho do refeitório. São dois lugares indispensáveis na for-

mação dos nossos rapazes. «Não se pode pregar o Evangelho a estômagos vazios». Depois deles saciados, a palavra de Deus é aceite com muito menos dúvidas. Ele deu-nos o exemplo na multiplicação dos pães e demais milagres do género.

Pai Américo mandou fazer um carimbo onde se lê: «Santuário d'almas». É o que são as nossas Aldeias. E desde que um rapaz entre dentro das nossas portas, logo começa a sua formação. As vezes a formação é recebida por ele muito vagarosamente. Para o bem prevalecer sobre o mal; para os bons hábitos conseguirem apagar os maus, quantas lutas, quantas angústias!

Logo a seguir à Capela, foi feita a Escola com 3 salas de aula que comportam já 176 alunos. E se houvesse mais, de certo que mais alunos a frequentariam. As estufas do tabaco, efectuadas logo a seguir, já o estufaram algumas vezes. E temos já feita também a primeira casa para 40 rapazes. Ficou bela e airosa. E a graciosidade destas construções estão no jeito como foram ajudadas a construir.

A casa para o primeiro casal — rapaz nesta Obra criado — está já concluída; os alicerces para outra espreitam da terra. E temos também a vacaria que é realmente um assombro e as pocilgas que, por serem provisórias, não ficam nada mal ao lado desta. A construção das oficinas por via das quais o nosso Padre Telmo tem andado de saca na mão por Luanda, estão já a subir. Vai ser um edifício amplo e bem dividido onde os rapazes que quiserem ser serralheiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros e barbeiros hão-de sentir-se à vontade e em condições saudáveis para levarem a cabo a suas aspirações.

Posso-vos falar também já da nossa barragem de retenção e conservação de águas para o tempo seco que já está pronta. As picadas têm sido ajeitadas aos poucos e temos talvez uns 60 hectares de terreno já arável. Este ano, por exemplo, atirámo-nos a 40 hectares de algodão e o restante de girassol. Tanto uma cultura como outra prometem dar-nos mais uns escuditos para sustentarmos e educarmos os 53 rapazes a cargo desta nossa Casa.

E as três casas para dormitório que faltam ainda fazer. E o hospital pequenino, com posto sanitário a fim de poderemos socorrer mais e melhor estas populações vizinhas? E os parques de jogos, indispensáveis numa casa de rapazes como esta? E o salão de festas e recreios igualmente indispensáveis? E o nosso problema número 1: a energia eléctrica? Está orçamentada em 400 contos! Bem esperámos um Sr. da Fundação Gulbenkian, mas ainda não foi desta que lhe pudemos reforçar o pedido de uma ajuda para este problema que, por vezes, não deixa passar as noites em sossego ao Sr. Padre Telmo. E isto já não falando em piscina e em outras construções secundárias! Mas não podemos esquecer que temos ainda muitas picadas a abrir e a ajeitar e que dos 432 hectares desta nossa quinta, só temos desmatados uns 60! Como vêem, temos tanto, tanto que fazer e há tantas e tantas crianças abandonadas à espera que os possamos recolher!

x x x

Agora falo-vos da Páscoa e do amor que recebemos. A visita da Cruz foi uma alegria e o Crucificado deve ter ficado contente com os tapetes de flores que fizemos para Ele passar. Este acto lembrou-nos bem os costumes das nossas

terras europeias. Houve comunhão geral e o Altar do santo Sacrifício esteve rodeado por quase todos os filhos da Casa e mesmo muitos irmãos das aldeias vizinhas. Soube tão bem a todos ter corrido tudo tão bem! E até ao nosso P.e Telmo, que nesse dia teve de ir à Igreja do Carmo pedir. Só a força das circunstâncias o levaram a sair neste dia de junto dos seus. Não faltaram as amêndoas que foram guardadas das ofertas do Natal. Elas cá são bastante caras e os «ratitos» não deram com elas desta vez. E os bolitos que umas senhoras arranjaram, souberam-nos muito bem!

O proprietário do jornal «O Comércio» presenteou-nos por seis meses, para já, com o seu diário. Os caminhos de Ferro de Luanda isentaram-nos do pagamento de transporte do Caterpillar que a Sonefe nos emprestou por mais de um mês e que nos ajudou imenso. A derruba da mata é tão cara! O Povoamento do Distrito de Malanje, também nos emprestou um tractor de lagartas e foi outra valiosa ajuda na derruba e preparação de novos terrenos. Ema, de Carmona, muitas vezes com 100\$. Casal Sampalo e outro casal 100\$00 cada, com mais roupas e bolos. Novamente um visitante 100\$. Uma assinante com pedido de orações pelo pai, 70\$. E temos tido água fresquinha graças a um senhor que era do Dundo e ao regressar à Metrópole, nos mandou o seu frigorífico a petróleo. Mais 250\$00 da mesma localidade e um pacote com roupas.

E é com ajudas como estas que vamos construindo e continuaremos a construir a nossa Aldeia, firmes na Fé em Deus e na confiança nos homens.



Cont. da SEGUNDA página

e uma mesa e outras coisas. Mais cem «para ajuda do pequeno almoço». Vinte a pedir uma Avé Maria e vinte mil de quem tem vindo com mais. Foi a parte dos Pobres na venda dum terreno. Um grupo de amigos com 180\$. Dos Empregados da Chá Montualasse Socone, mil para a Festa da Páscoa. Outro tanto mais metade do Amigo do nosso Toninho. Um colchão da P. Chagas, roupa da 5 de Outubro. Quinhentos por um «Porta Aberta» de quem de há muito perdera contacto com a Obra. Dos Empregados da Incomati de Xinavane uma lembrança para o «Aspirina» que agora se encontra aos cuidados das Irmãzinhas do Hospital M. Bombarda. Um cheque com 500\$ e outro tanto e 300\$ e 200\$ e mil a pedir orações por um filho que anda na guerra e irmã doente. Tudo entregue na Paróquia. De um jovem casal a quem Deus deu a alegria de viver sem

Lourenço Marques

egoísmos 3.500\$. Várias vezes madeira na Serração Mecânica. Da Coop. dos Criadores de Gado dois queijos para a merenda.

«Este dinheiro queria mandá-lo pelo Natal para que tivésseis um pouco daquele «supérfluo» que vós condenais mas que nós, pobres pecadores, lutamos por dar a nossos filhos nas épocas festivas.» É de alguém que trabalha no Tribunal Administrativo e tem o sentido da Justiça muito apurado. Mais cem numa carta branca e igual dum Amigo sem nome. Idem doutro empregado do BNU. O mesmo e roupas da rua do Jardim; 50\$ mais 40\$ dum Gaiato da Metrópole. Mais madeiras e cadeiras da G. Rosado. Da L. Coelho remédios; 200\$ de duas amigas do Luabo e 50\$00 da Tininha «para os meus amiguinhos».

Uma novilha da Pecuária de Mapulangunene e outra da Moamba e um casal de Goba e outra ainda do sr. Ventura nosso vizinho. Daqui a uns anos teremos leite para beber e vender.

Diniz da Beira para o Património dos Pobres 250\$. 1.500\$ da Senhora da Farmácia Normal e o mesmo dum amigo da Malvéria. Vinte e cinco mil dados com muito interesse em nos ajudar e conhecer. Mil dum sr. Doutor com o carro cheio de filhos que Deus abençoe. Finalmente 4.630\$00 dum casal modesto que fez uma promessa, e visitantes com 50\$00 mais 50\$00.

E aqui está como ao longo destes meses Deus não nos faltou. Ele não falta também aos cem por um prometidos a quem nos ajuda.

Padre José Maria

Cont. da PRIMEIRA página

e que nunca vos esquecerá. Que alegria me dão estes dois rapazes que não conheço! Que alegria experimento quando vários de vós, agora mesmo a maioria, uma vez longe, desabafa: «Quando chega «O Gaiato» deixo tudo e quando chego ao fim volto a reler as notícias que mais interesse me despertam!»

Pois que seja ainda a tempo e fecundo este acordar.

Se à ordem de Pai Américo, «escrevemos como quem reza» — e, quantas vezes, como quem sacrifica, de cansados e vazios, sem saber o que escrever — de quem mais compensados nos sentiremos senão de vós, a quem

Cantinho dos Rapazes

em primeira mão nos demos e devemos?! E se «O Gaiato» faz bem a tantos, de todos os níveis sociais e culturais, «quer no plano espiritual, quer no da informação...» — sabeis vós e saibam todos que tal efeito resulta, não de quem escreve, mas do sopro divino que enche o nosso vazio e vence os nossos tédios, o qual está prometido a todos quantos agem em nome de Jesus.

PATRIMONIO dos POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

«É necessário tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que ele necessita para levar uma vida verdadeiramente humana...». E entre as coisas requeridas pela dignidade humana, logo a seguir ao alimento e ao vestuário, o texto conciliar aponta a habitação.

Sei que entidades públicas e particulares estão empenhadas na solução deste problema. Quero aproveitar a oportunidade, em que me é dada a satisfação de benzer a primeira pedra de uma «casa de Deus», para daqui dirigir uma palavra de encômio e de estímulo a todos quantos se consagram a esta tarefa altamente benemérita de obter uma casa para cada família, quer pelo seu trabalho, indicando cami-

nhos a quem os não sabe; quer pela sua influência, conseguindo a cedência de terrenos para construção ou interessando no assunto as entidades patronais; quer ainda pela ajuda técnica e financeira quando os futuros beneficiários da casa estiverem dela carecidos.

Oxalá em todos os Conselhos Paroquiais pudesse haver um pequeno grupo de pessoas

que ao problema da habitação consagrasse o melhor da sua atenção, procurando para cada caso a fórmula mais eficaz.

Continuaremos a construir e a renovar as nossas igrejas.

O sinal mais evidente, porém, de que estamos a renovar-nos também a nós mesmos será o cuidado que dispensarmos à promoção humana e cristã dos nossos semelhantes.»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Abre o Porto, pela mão de L.: «Esta insignificante migalhinha, para os Pobres do Júlio, com todo o meu carinho e simpatia. Deus vos ajude e pela felicidade dos meus filhos» É Mãe. A felicidade dos meus filhos o diz, mais o carinho e simpatia pelos Pobres. Estes quadros vivos da Família cristã

são as grandes alavancas da Sociedade. É preciso, indispensável, todos, todos, caminharmos assim: preocupando-nos pelos nossos e, também, pelos outros irmãos que sofrem. Desta forma cumprimos integralmente a vontade do Pai do Céu.

Mais 90\$00, de Setúbal, «que gostaríamos fosse distribuído aos vossos Pobres mais necessitados». E são, com certeza. Precisaríamos, até, nesta altura, houvesse gente de massa que multiplicasse por cem aquela quantia.

Temos casos que nos preocupam. E o tesoureiro começa a apertar o cinto — estamos nas lonas..., avisa com graciosa tristeza.

Agora é Porto com 20\$00, pela mão da assinante 2239. É das primeiras! E apareça por cá mais vezes, já que é presença habitual nas festas do Coliseu.

Mais 50\$00, de Algueirão, «para a Conferência, pela cura de duas pessoas de família a quem muito amo». Outra vez a Família! Num mundo cada vez mais avesso à pureza da vida familiar, estas achegas são adubo que fertiliza.

Funchal marca presença com 30\$00, pela mão de uma assinante. E de novo o Porto com 20\$00, por intermédio do assinante 13305. E o mesmo de uma funcionária dos C. T. T. U. de Lourenço Marques, muito assídua neste cantinho. Mais presenças assíduas: Duas vezes 20\$ de A. F., do Porto; 40\$00 da assinante 17022; e mais outra migalha da 17740, com um hino de amor de Mãe: «Como no próximo dia 17 faz mais um mês que Deus chamou para Si o meu querido filho Rui, envio como de costume 50\$ para a Santa Missa pelo seu eterno descanso e o que sobrar para a Conferência de Paço de Sousa, rogando aos contemplados se lembrem dele nas suas orações».

Finalmente, «70\$00 para os Pobres, de alguém que na intenção de gastar num ramo de flores, achou preferível distribuir pelos Pobres».

Júlio Mendes

Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

guardava. Triste conceito que se formula de nós!

x x x

Filho de embarcação português e de mãe francesa veio até nós de tenra idade. Tendo fugido mais tarde e depois de passar maus pedaços, regressou pelas mãos do Padre Baptista, esqualido, roto e imundo. Aprendeu um ofício e daqui seguiu para a vida militar. Regressando de África arranjou-se-lhe um emprego, que rejeitou, por antes querer ser motorista particular, o que veio a ser, não sem informação nossa, pedida por alguém. Aqui há tempos, a uma dezena de metros do actual sacerdote da Casa que o amparou e guiou, ao saber da sua presença afirmou: «deixa-me pirar». Sombras que nos iluminam.

x x x

Moço introvertido e com certa reserva. A perda do pai em pequenino, logo seguida de maus tratos do padrasto e da morte da mãe, afectaram-no profundamente. As dores de cabeça não faltaram com este Rapaz, mas, por volta dos 18 anos, e após crise grave, deu-se profunda mutação no sentido positivo, que muito nos consola. Longe de nós, a milhares de quilómetros, envia-nos 500\$ «para comprar o que quiser» no nosso aniversário. Louvado seja Deus!

Cinco casos diferentes, em pinceladas discretas e fugazes, para compartilhades da nossa vida. Por eles avaliareis a luta de todos os dias, nas alegrias e nas tristezas, nos fracassos e nas satisfações, nos obstáculos internos e nos externos, no sangrar da alma e na explosão eufórica. Por eles compreendemos melhor e ao vivo as palavras de Pai Américo: «Os Padres da Rua são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte. Não se molestem e sofram com paciência, até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores, chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir. Assim como Ele, também os Padres da Rua.»

x x x

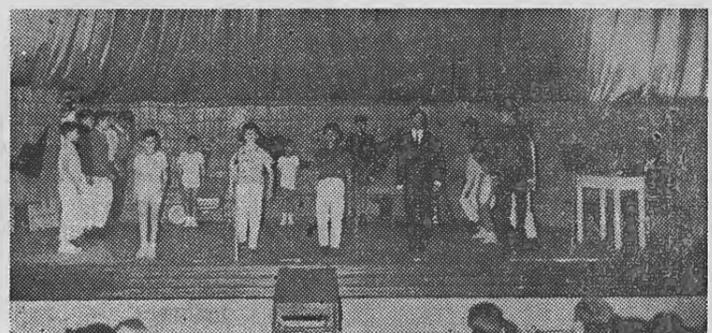
As obras e o apetrecho da Casa-Mãe são um sorvedouro. Pouco nos tem chegado às mãos. Vemo-nos atribulados. Tantos bens que se delapidam por aí e tanta gente que pode mas não se lembra dos outros! Se ao menos nos dessem umas migalhinhas! Quem vem por nós?

Padre Luís

Rescaldo das Festas



Dois imagens do nosso conjunto de Miranda do Corvo, que se exibiu na zona centro do país.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE